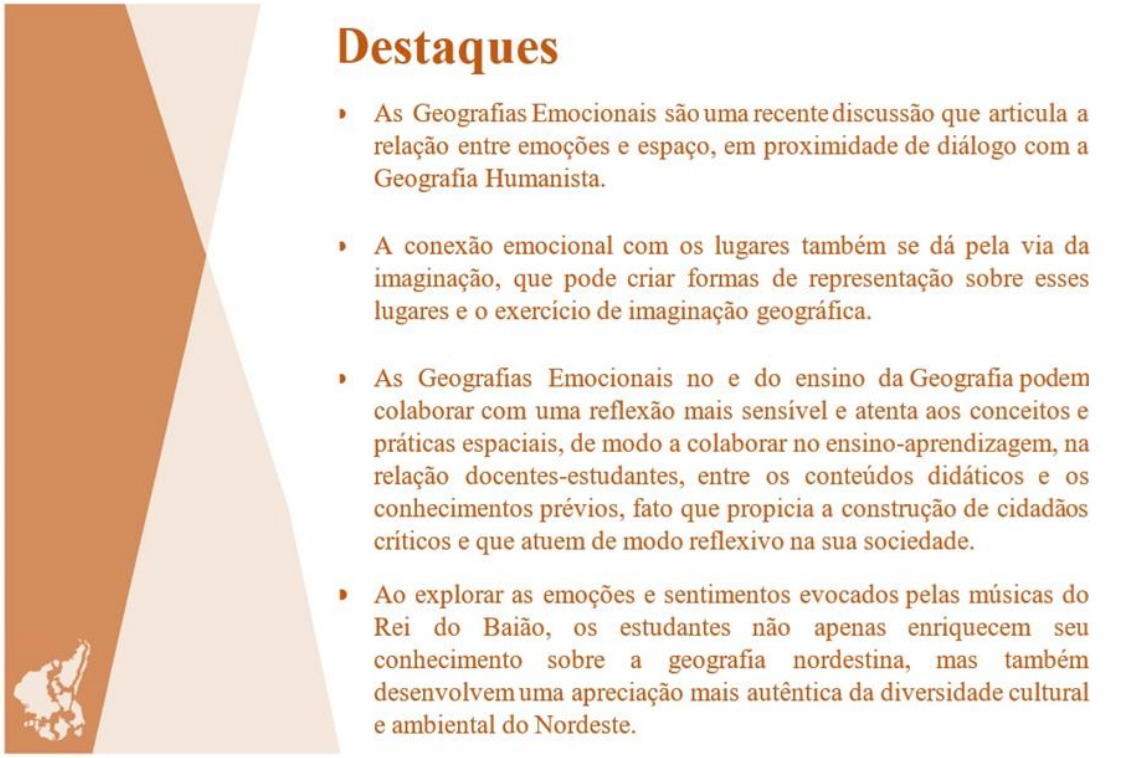
UMA GEOGRAFIA EMOCIONAL DO NORDESTE NA SALA DE AULA: O SERTÃO DE LUIZ GONZAGA

AN EMOTIONAL GEOGRAPHY OF THE NORTHEAST IN THE CLASSROOM: LUIZ GONZAGA'S SERTÃO

UNA GEOGRAFÍA EMOCIONAL DEL NORDESTE EN EL AULA: EL SERTÃO DE LUIZ GONZAGA

Aline Celestina dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso
aline.geo12@gmail.com

Marcia Alves Soares da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso
marciaalvesgeo@gmail.com



RESUMO

O presente artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado, cujo objetivo foi refletir sobre a Geografia Emocional do Nordeste a partir da imaginação e das canções de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião (1912-1989). A reflexão está estruturada em três partes principais que discutem o desenvolvimento histórico da Geografia Humanista e as Geografias Emocionais; a relevância didática no processo de ensino-aprendizagem em inserir a música no contexto escolar; e a apresentação dos resultados, a partir da realização de oficinas com 38 alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Santos Dumont, localizada no município de Cuiabá-MT. Durante este procedimento, foram construídos Mapas Mentais, seguindo os pressupostos teóricos e

práticos apresentados por Kozel (2013; 2018) e Torres (2009; 2014). Pode-se identificar, que os principais símbolos e significados que representam o Nordeste e o nordestino, dizem respeito a sua fé, com representação de igrejas, e a sua resistência, com a representação de cactos/mandacaru. Quanto às questões emocionais, houve a predominância de aspectos topofílicos, porém constatou-se também entendimentos distorcidos acerca desta região.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Imaginação Geográfica. Mapas Mentais. Geografias Emocionais no/do Ensino.

ABSTRACT

This article is an excerpt from a master's dissertation, whose objective was to reflect on the Emotional Geography of the Northeast through the imagination and songs of Luiz Gonzaga, the King of Baião (1912-1989). The reflection is structured in three main parts discussing the historical development of Humanistic Geography and Emotional Geographies; the didactic relevance in the teaching-learning process by integrating music into the school context; and the presentation of results, derived from workshops conducted with 38 students from the 7th Year of Elementary School II at Santos Dumont State School, located in the municipality of Cuiabá-MT. Mind Maps were created during this process, following the theoretical and practical assumptions presented by Kozel (2013; 2018) and Torres (2009; 2014). It can be identified that the main symbols and meanings representing the Northeast relate to faith, represented by churches, and resistance, symbolized by cacti/mandacaru. Regarding emotional issues, topophilic aspects were predominant, but there were also distorted understandings of this region.

Keywords: Teaching Geography. Geographic Imagination. Mental maps. Emotional Geographies in/of Teaching.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de una tesis de maestría, cuyo objetivo fue reflexionar sobre la Geografía Emocional del Nordeste a partir de la imaginación y las canciones de Luiz Gonzaga, el rey del Baião (1912-1989). La reflexión se estructura en tres partes principales que abordan el desarrollo histórico de la Geografía Humanística y las Geografías Emocionales; la relevancia didáctica en el proceso de enseñanza-aprendizaje al integrar la música en el contexto escolar; y la presentación de los resultados, a partir de talleres con 38 estudiantes del 7º año de la Escuela Primaria II de la Escuela Estatal Santos Dumont, ubicada en la ciudad de Cuiabá-MT. Durante este procedimiento se construyeron Mapas Mentales, siguiendo los supuestos teóricos y prácticos presentados por Kozel (2013; 2018) y Torres (2009; 2014). Se puede identificar que los principales símbolos y significados que representan al nordeste se refieren a su fe, representada por las iglesias, y a su resistencia, simbolizada por los cactus/mandacaru. En cuanto a las cuestiones emocionales, hubo predominio de aspectos topofílicos, pero también se encontraron comprensiones distorsionadas sobre esta región.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía. Imaginación Geográfica. Mapas mentales. Geografías emocionales en/de la enseñanza.

INTRODUÇÃO

A compreensão da Geografia Humanista em seu contexto relacional e reflexivo com a categoria geográfica lugar, encontra-se enquanto um importante referencial teórico para a presente reflexão. A proposta da reflexão é trazer uma contribuição para essa área da Geografia, a partir das recentes contribuições das Geografias Emocionais. Para tanto, a reflexão versará sobre a proposta de pensar as Geografias Emocionais a partir da música em sala de aula, com foco na obra de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

Luiz Gonzaga nasceu em 13 de dezembro de 1912, em Exu, no sertão de Pernambuco e ficou conhecido como o "Rei do Baião", tendo seu falecimento em 2 de agosto de 1989, em Recife – PE. Em suas letras e interpretações, ressalta a diversidade natural, a cultura, a fome, a seca, os problemas ambientais, políticos e econômicos do Nordeste. As músicas que cantava são dotadas de sentimentos e significados. Em sua obra, Luiz Gonzaga afirma a riqueza cultural do Nordeste ao descrever a paisagem, sendo um caminho possível de análise sobre o conteúdo e os conceitos utilizados pela Geografia, principalmente em conteúdos relacionados à região Nordeste.

Partimos do pressuposto de que a potência da música de Luiz Gonzaga, dada sua relevância histórica e cultural, pode ser um caminho de experiência emocional que conecta os estudantes de diferentes contextos socioculturais, com as paisagens, lugares e dinâmicas espaciais do sertão. Podemos acessar o sertão não só pela caracterização comum da fome, pobreza e desigualdade, mas também por suas paisagens naturais, sua diversidade cultural, a resistência e o sentimento de pertencimento do seu povo. O Rei do Baião fala sobre um sertão sofredor, mas também um sertão de aço.

Nesse sentido, tem-se como objetivo refletir sobre o papel que as suas músicas podem exercer no contexto de sala de aula e no ensino da Geografia, pensando as categorias analíticas geográficas e a experiência emocional. Acreditamos ser possível analisar os aspectos subjetivos e sentimentais que as músicas de Luiz Gonzaga geram nos discentes para a construção e/ou representação de elementos do Nordeste enquanto lugaridade de vivência, historicidade e cotidianidade.

Diante desse contexto, o lugar e suas singularidades emocionais são expressas dialeticamente pelo próprio Luiz Gonzaga nas letras das suas músicas, na

sonoridade carregada de valores e significados e também pelos discentes ao representá-las nos mapas mentais. Deste modo, é relevante uma relação entre o aporte teórico que envolve a categoria lugar, na concepção humanista e as Geografias Emocionais.

Foram realizadas oficinas que resultaram na construção de 38 (trinta e oito) mapas mentais, de modo que estes possuíam referências memórias e afetivas nas músicas de Luiz Gonzaga e nos conhecimentos prévios de cada estudante. Pode-se assim considerar que os estudantes identificaram nas músicas do Rei do Baião, características sócio-históricas, culturais e naturais do Nordeste, bem como incluíram o próprio Luiz Gonzaga em suas representações, junto a elementos e adornos das festas juninas, que destacaram sobretudo a fé e religiosidade, e apontaram o cacto/mandacaru como o principal símbolo do Nordeste.

O presente artigo aborda os diálogos entre a Geografia Humanista e as Geografias Emocionais; a relação entre a Geografia e a música como caminhos para pensar as Geografias Emocionais em sala de aula; as músicas de Luiz Gonzaga que (re)desenham o Nordeste e por fim, as considerações finais.

DIÁLOGOS ENTRE A GEOGRAFIA HUMANISTA E AS GEOGRAFIAS EMOCIONAIS

Estudos que busquem o diálogo entre a Geografia Humanista e as Geografias Emocionais são cada vez mais necessários. Principalmente, quando há o interesse em entender o papel das emoções na experiência e percepção do espaço geográfico, sendo fundamentais também no contexto do Ensino da Geografia.

Para Nascimento e Costa (2016), a Geografia Humanista, tem como foco principal a experiência, isto é, o espaço vivido e existencial do indivíduo que são adquiridas no cotidiano. Enquanto, as Geografias Emocionais "analisa a relação das pessoas e o espaço a partir das emoções, com intuito de compreender qual a dimensão emocional das representações espaciais, tendo, portanto, as pessoas como centralidade" (Silva, 2016, p. 104).

Ao longo do tempo, a Geografia passou por diversas mudanças teóricas e conceituaisOs desafios no ensino são diversos,. Com essas mudanças, surge, a partir da década de 1970, como uma crítica às ideias positivistas, a Geografia Humanista, com base na Filosofia, principalmente na Fenomenologia e no Existencialismo. "O advento

da Geografia Humanista compôs uma nova forma de fazer Geografia'' (Silveira, 2014, p. 103).

Destarte, a partir desse período, uma gama de autores passaram a desenvolver trabalhos em Geografia pautados no Humanismo, o que possibilita um diálogo mais próximo com outras áreas do conhecimento tais como a Sociologia e a Antropologia, tendo em vista que a Geografia Humanista enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas, por extensão, das ciências humanas (Holzer, 2016).

Para Rocha (2007, p. 21), "a Geografia Humanista busca a compreensão do contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona." Essa Geografia Humanista insere elementos subjetivos, tais como a percepção, sentimentos e experiências em seus estudos e análises, premissas teóricas e conceituais esta que até então refletidas na Psicologia e na própria Filosofia.

Assim, o sujeito e suas dimensões internas e particulares recebem uma maior ênfase nas pesquisas humanistas na Geografia. O sujeito apresenta esta relevância epistemológica pois é ele "quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista depois dele se apropriar intelectualmente" (Spósito, 2004, p. 38). Esse modo de construção das pesquisas:

> chega à geografia com grandes perspectivas, e com ela traz novas metodologias e conceitos a serem explorados pela ciência geográfica. As questões fenomenológicas são contribuições fundamentais de filósofos contemporâneos importantes como Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre. (Nascimento; Costa, 2016, p. 07).

Ainda em concordância com Nascimento e Costa (2016), entende-se que Geografia Humanista possibilita uma multiplicidade de formas e metodologias, haja visto que há uma multiplicidade intrínseca ao próprio indivíduo, que gera diversos enfoques, olhares, sentimentos e sensações do objeto geográfico estudado. Para tais autores, este campo da Geografia "vem para trabalhar com a experiência, ou seja, o espaço vivido e existencial do indivíduo, destacando a emoção vivida e principalmente os valores que o indivíduo adquire no cotidiano" (Nascimento; Costa, 2016, p. 5).

Nesse ensejo, as Geografias Emocionais vão no caminho de evidenciar as emoções, os sentimentos, os sentidos, as experiências como fonte para construir o conhecimento, tendo como referência o espaço vivido. "O espaço vivido vem da discussão da escola francesa da Geografia Humanista, que insere a noção de *espace*

vécu para compreender as experiências das pessoas com os lugares, isto é, é o próprio espaço da existência" (Silva, 2019, p. 65).

Tendo seus fundamentos teóricos e conceituais na Fenomenologia, existencialismo, espiritualismo, e o pós-modernismo, as Geografias Emocionais também tem por base a Geografia Humanista, como afirma Andreotti:

> A geografia emocional é uma geografia humanística inspirada, mais ou menos explicitamente, em diferentes doutrinas filosóficas, em especial a fenomenologia, o existencialismo, o espiritualismo e o pós-modernismo. As fontes das perspectivas teóricas aproximam-se do Movimento Romântico que influenciou a doutrina dos geógrafos do século XIX (pensamento oitocentista) (Andreotti, 2013, p. 99).

A estruturação da Geografia enquanto ciência, seguindo uma tendência positivista científica que prima pela racionalização e dados, os estudos que envolvem as emoções foram deixados de lado nas reflexões geográficas. Por esse motivo, a compreensão das emoções atualmente é um campo fecundo de análise, justamente por elas se encontrarem e fazerem parte do convívio espacial humano e da criação de "lugaridades". A esse respeito Silva (2016, p.112) menciona que a "geografia das emoções busca articular essas pesquisas clássicas, colocando seu ponto de vista, analisando as emoções a partir das relações sociais e das práticas espaciais", pois os sentimentos e emoções:

> formam uma parte importante e integram a vida humana. Tocam a parte menos racional, ou melhor, irracional por excelência, e por isto ignorada pela cultura racionalista do passado. Entretanto, eles têm exercido uma influência profunda sobre o mundo, a arte, a poesia, a literatura, a pintura, a música e sobre a expressão mais sublime da genialidade humana[...]. (Furlanetto, 2014, p. 201).

As bases teóricas das Geografias Emocionais estão cada vez mais consolidadas, de forma que são diversos os autores, trabalhos e pesquisas que têm sido produzidos. Cabe salientar como exemplo, a Conferência Internacional e Interdisciplinar sobre Geografias Emocionais que ocorre a cada dois anos de maneira rotativa por diversos países.

> Desde 2002 e a cada dois anos é realizado o Congresso Internacional e Interdisciplinar de Geografias Emocionais. As sessões do referido congresso abordam temas como espaços afetivos e globalização, raízes versus desenraizamento, arquiteturas emocionais e paisagens da emoção, semiótica e a poética do afeto, espaço público e emoção, e política e emoção, entre muitos outros (Nogué, 2015, p 139, *tradução nossa*).

Segundo Silva (2016), as emoções têm sido estudadas por diversas áreas, como a Psicologia, a Biologia, e a Antropologia, devido principalmente às relações sociais e culturais que ensejam e são foco destas áreas do conhecimento científico, a incluir, as Geografias Emocionais, entendida como "uma geografia do espírito, dos sentimentos, mas também dos sentidos, dedicada às modalidades sensoriais que integram a nossa experiência no mundo" (Andreotti, 2013, p. 101).

Portanto, é possível reconhecer que ambas as abordagens se afinam na compreensão das relações entre os indivíduos e o espaço geográfico, e possibilitam a ênfase à importância das emoções na formação dessas relações. Os diálogos entre a Geografia Humanista e as Geografias Emocionais podem ocorrer em diversos níveis, desde a utilização de conceitos e metodologias compartilhados até a realização de estudos integrados que busquem compreender as relações entre as emoções, a subjetividade e a experiência do espaço geográfico.

Tendo em vista a Geografia Humanista e as Geografias Emocionais, esse estudo se embasará na Fenomenologia como método de abordagem. A Fenomenologia é uma corrente filosófica que enfatiza a experiência subjetiva das pessoas e como ela influencia a forma como elas percebem e entendem o mundo. Na Geografia, a Fenomenologia tem sido utilizada como uma abordagem teórica para explorar como as pessoas experimentam e compreendem o espaço geográfico.

Destarte, a Fenomenologia na Geografia tem como objetivo investigar as experiências dos indivíduos em relação ao ambiente físico e social em que eles vivem, de modo que, "o objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os indivíduos que a vivenciam'' (Nascimento, Costa 2016, p. 45). Isso pode incluir a análise da forma como as pessoas percebem e interpretam o espaço, como criam significado em torno dele e como esses dinâmicas afetam seus comportamentos e decisões.

GEOGRAFIA E MÚSICA: CAMINHOS PARA PENSAR AS GEOGRAFIAS EMOCIONAIS EM SALA DE AULA

Para atrair a atenção do estudante, deixar as aulas mais dinâmicas e interessantes, o professor precisa utilizar diferentes metodologias e recursos, para não as tornar enfadonhas. A música, neste cenário, pode servir como um recurso para auxiliar a

compreensão do conteúdo, pois ela exprime emoção, muitas das letras possuem conceitos e diversos temas utilizados pela Geografia e que podem ser utilizados na sala de aula, bem como afirma Costa (2002), ao mencionar que

> uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirmar na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infraestrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores[...] (Costa, 2002, p. 3).

A música possibilita que as aulas se tornem prazerosas, por possuir uma linguagem universal e estar presente no cotidiano do aluno e da aluna. Esse recurso pode auxiliar o estudante a fazer a relação do que diz a letra da música com o conteúdo ministrado de forma mais lúdica e que possibilite a interação. Cabe salientar que o conteúdo presente na canção deve estar adequado com a temática abordada na aula e não somente como um passatempo. A esse respeito:

> Há décadas a Geografia brasileira vem considerando os trabalhos realizados sobre as dimensões musicais e sonoras, em especial os escritos em francês e inglês, que foram publicados principalmente após a "virada cultural" na década de 1980, aparecendo com destaque no debate acadêmico internacional. (Dozena, 2019, p. 31)

A música, nessa renovação educacional a qual se encontra a Geografia, torna-se um instrumental metodológico cada vez mais utilizado por professores. Diante disso, é importante salientar que o interesse pela questão musical e a Geografia, surge com Friedrich Ratzel e seu discípulo Leo Frobenius, como afirma Panitz:

> Ao contrário do que se possa imaginar, quando tratamos de manifestações culturais e espaço geográfico, o interesse geográfico pela música não aparece no giro cultural dos anos 1980, quando decorridas as reorientações teóricas nas ciências sociais, em especial nos países anglo saxões. As primeiras considerações que ligam a Geografia moderna à expressão musical podem ser atribuídas à Friedrich Ratzel e seu discípulo Leo Frobenius, etnólogo e arqueólogo africanista. Como observa Reynoso, Ratzel influenciou decididamente a Escola Histórico Cultural alemã e austríaca, sendo Frobenius o principal pesquisador que levou adiante as teorias do geógrafo alemão. Atento aos indícios materiais da cultura, Ratzel observou similaridades entre os arcos da África Ocidental e da Melanésia, suas características morfológicas, bem como as formas das flechas usadas junto com o arco. Frobenius levou a pesquisa adiante e relacionou similaridades entre os tambores e outros instrumentos musicais, que o levou a desenvolver a noção de Círculos Culturais (Kulturkreis) junto aos etnologistas austríacos Fritz Graebner e Wilhelm Schmidt, inspirados em Ratzel (Panitz, 2010, p. 49).

Ao falar do estudo da música na Geografia na atualidade, temos que destacar os autores que se encontram entre os mais proeminentes, sendo eles George O.

Carney e Lily Kong. Ambos são responsáveis por diversas pesquisas que refletem sobre a relação existente entre a Geografia e a música, em diferentes abordagens e linhas de estudos. Sobre tais autores Castro (2009) menciona que:

> Atualmente, pode-se considerar George O. Carney e Lily Kong como os dois autores mais importantes na área de Geografia e Música. Ambos publicaram não apenas trabalhos empíricos que abordam a atividade musical dos Estados Unidos e Cingapura, respectivamente, sobre a ótica espacial, mas também desenvolveram análises sobre este sub-campo de estudo, cada qual apresentando diferentes linhas de pesquisa já exploradas pelos geógrafos e, além disso, oferecendo propostas de agendas de pesquisa para os novos geógrafos que se interessam pelo tema (Castro, 2009, p. 10).

De acordo com Castro (2009), Lily Kong é responsável por um dos mais importantes estudos que aborda a temática música e Geografia, em seu trabalho intitulado *Popular music in geographical analyses*, escrito 1995, seu principal objetivo é promover a comunicação entre a Geografia (Ciência) e a música (arte).

Castro (2009) afirma que, segundo Kong, a relativa negligência dos geógrafos em relação à pesquisa com música, dentre outras manifestações artísticas, está baseada em dois pontos principais. O primeiro é a de que os geógrafos priorizaram por muito tempo a cultura da elite e não a cultura popular, o segundo ponto, foi a preferência por aspectos visuais na pesquisa geográfica cultural.

Conforme aponta Panitz (2021), o interesse sobre Geografia e música no Brasil são diversos e estão concentrados em quatro grandes temas: o primeiro é a música popular com destaque para o forró, o maracatu, o movimento manguebeat, a música caipira, o fandango paranaense e a música missioneira; o segundo são as cenas e circuitos musicais produtores de redes, fixos e fluxos; o terceiro são o samba e o carnaval e suas práticas territorializantes nas metrópoles brasileiras; e o último, o rap e o movimento *hip hop* produzindo territórios, representações e sociabilidades nos espaços periféricos. Essas diferentes temáticas demonstram a diversidade musical que o Brasil possui.

Ainda segundo o autor, as regiões Sudeste e Sul, principalmente os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul concentram essas pesquisas, porém esse cenário vem mudando e essas pesquisas estão se expandindo de modo mais amplo por outras regiões do Brasil.

Mello (1991) foi o pioneiro a estudar a relação Geografia e música, e de acordo com Panitz (2010, p. 65), "[...] sua dissertação utiliza amplamente a perspectiva

dos trabalhos literários, considerando o texto da canção como foco. Seu método, por conseguinte, trata as canções como um dado primário de sua investigação".

Ao estudar os compositores do Rio de Janeiro, Mello (1991) destaca também a importância da Geografia Humanista. "Contudo, somente na década seguinte que a música passará a ser um interesse constante e crescente na Geografia brasileira" (Panitz, 2021, p. 21).

Como forma de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, a música nas aulas de Geografia, apresenta-se como uma linguagem que possibilita que os estudantes contemplem as questões culturais, sociais, políticas, entre outras, pois "as abordagens voltadas ao ensino de geografia, tem fornecido elementos para a construção de conceitos geográficos e compreensão das sociabilidades no espaço escolar" (Panitz, 2021, p. 24).

Fazer uso da música no ensino de Geografia contribui para a construção dos conceitos geográficos por meio da percepção dos alunos e alunas, e a partir das trocas intersubjetivas. Além disso, relacionar as músicas com os conteúdos, contribui para uma aula mais prazerosa e dinâmica e pode possibilitar experiências tanto para quem ouve, quanto para quem canta. Ribeiro afirma que a música:

> [...] pode ser mobilizadora do pensamento, ou seja, é possível considerar como a música afeta, força, movimenta o exercício do pensar e assim pensar como a arte se torna fundamental para a criação de realidades, para transmitir as manifestações que ocorrem no espaço e essas manifestações transcendem o humano e se apresentam no sensível do ser humano, pois ela instiga o que podemos chamar de imaginações geográficas ou espaciais (Ribeiro, 2022, p. 6).

Por sua capacidade de instigar a percepção e os sentimentos das pessoas, a música é uma ferramenta que proporciona ao indivíduo interpretar o espaço, o lugar e a paisagem de forma subjetiva a partir da imaginação e da emoção, mesmo que o indivíduo não esteja no contexto em que foi escrita. "A música pode trazer ao indivíduo a percepção de determinado lugar, mesmo não estando fisicamente lá. Através de uma condição psicológica podemos vivenciar determinada situação ou paisagem" (Ferreira, 2012, p. 25).

Para Ribeiro (2022), existe uma diversidade na relação entre a Geografia e a música, de modo que essa temática possa contribuir para a construção do conhecimento e a compreensão do espaço e da sociedade. A autora ainda afirma que a música é uma

linguagem importante para que seja possível construir identidades, bem como visualizar sensações, os sentimentos e a imaginação.

Nesse sentido, tendo visto o potencial do uso da música para pensar questões espaciais e também afetivas, vamos apresentar a reflexão a partir do contexto prático: a sala de aula.

AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA QUE (RE)DESENHAM O NORDESTE

Os desafios no ensino são diversos, abrangendo diferentes tipos de estudantes e níveis de aprendizagem. Por isso, em nossa reflexão, foi necessário realizar uma metodologia com os estudantes partindo de algo que gostassem. Assim, surgiu a ideia de realizar uma oficina metodológica que envolvesse músicas, com foco nas músicas nordestinas, com ênfase naquele que é um dos grandes representantes da música nordestina: Luiz Gonzaga. O Rei do Baião teve importante reconhecimento pelas diversas interpretações que fez, incluindo obras de compositores como o cearense Humberto Teixeira e o pernambucano José Dantas Filho, conhecido como Zé Dantas.

Partindo desse princípio, a problemática da atividade prática foi provocar uma visão sobre o tema “Nordeste” no contexto do ensino da Geografia e fazer com que os estudantes refletissem os estereótipos construídos e alimentados pela mídia. Para isso, organizamos essa reflexão a partir da construção e interpretação dos mapas mentais.

O mapa mental é compreendido enquanto representação sociocultural, perceptiva, emocional e sentimental. Assim, enfatiza aspectos construídos e fundamentados na vivência, experiência e cotidianidade do eu, que dialoga também com questões sociais, psicológicos e geográficos. Pode-se mencionar, como resultado, que a representação no mapa mental, é também a representação de um determinado eu no mundo.

Kozel (2013) menciona que os mapas são produtos culturais pautados e construídos a partir de imagens sensoriais, fundamentadas em significados e subjetividades espaciais. Neste sentido, torna-se possível construir representações cartográficas atreladas a representações da paisagem, de modo que ambas demonstram os sentimentos e percepções de indivíduos.

Os mapas mentais foram produzidos por 38 alunos[1] do 7º Ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Santos Dumont, em Cuiabá – MT, no ano de 2023. Cada mapa mental foi desenvolvido com o intuito de relacionar Geografia-Música-Emoções ao considerar o conteúdo voltado ao Nordeste brasileiro e as músicas de Luiz Gonzaga, ao retratarem o sertão enquanto paisagem e o cotidiano do nordestino.

As canções de Luiz Gonzaga apresentam diversos elementos do Nordeste e da vida do nordestino em seus mais diversos aspectos da sociedade, da cultura, da política e das características naturais. As músicas do Rei do Baião "dão o tom" do Nordeste, evidenciam momentos históricos e possibilitam a compreensão sócio-regional nordestina.

Com base nas reflexões de Santos (2004), corrobora-se que, especialmente no auge do baião, entre 1946 e 1955, as músicas de Luiz Gonzaga e a sua propagação por todo o território nacional, apresentou o Nordeste, seus aspectos culturais e naturais, para as demais regiões brasileiras. Criou-se, em consequência, um vínculo significativo de informações acerca da realidade desta região, onde são expostos seus problemas sociais.

Na atividade, além de retratar o Nordeste, os alunos e as alunas consideram que o Rei do Baião é parte relevante do próprio Nordeste. Essa relação existencial entre o ser humano e o seu mundo circundante, foi conceituada por geograficidade de modo que o espaço "onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam, porque a vida lhe oferece percursos a seguir, fáceis ou acidentados, seguros ou incertos. (Dardel, 2015, p. 13).

O "descontentamento" do Rei do Baião foi representado por um dos alunos (Mapa Mental 1) e coaduna com uma de suas mais importantes falas sobre sua própria música "(...) percebi que cantar alegrias e tristezas do homem da terra é também uma forma de o ajudar a conhecer seus problemas.

1 Nesse contexto, o nome real de cada discente foi substituído por nome fictício, para manter o anonimato., seguindo os preceitos éticos da pesquisa científica.

Mapa Mental 1– Luiz Gonzaga “descontente” com a seca do Nordeste



Fonte: Representação criada por Yvo*, 2023.

Na realização das oficinas com os estudantes, dois alunos já conheciam Luiz Gonzaga, algumas de suas canções e sobre o tema central de suas letras: o Nordeste e a realidade nordestina. Assim, o próprio artista foi representado em mais 5 (cinco) dos 38 (trinta e oito) mapas mentais.

O Mapa Mental 2 é significativo porque representa um 'espelho dialético' entre o sertão em período de estiagem, marcado pela seca, e um período chuvoso, caracterizado pelo plantio e pela abundância. A própria presença de Luiz Gonzaga em ambos os contextos, demonstra a sua vivência, retratada em suas letras e canções, que se dão em diferentes prismas sociais e naturais. Isto propicia uma abrangência e uma profundidade que se unem e se complementam entre os dilemas e as belezas, os conflitos e as potencialidades nordestinas.

Mapa Mental 2– Luiz Gonzaga entre a seca e a abundância do Nordeste



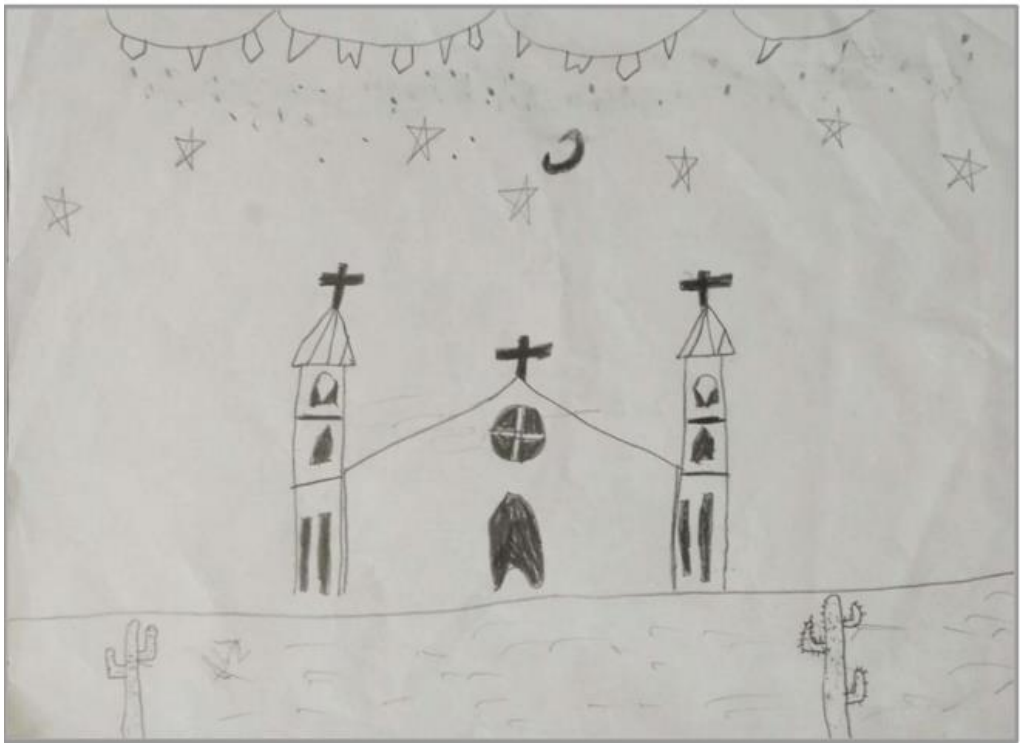
Fonte: Representação criada por Mirela*, 2023.

A maior parte dos estudantes conheciam, especialmente, duas músicas que "viralizaram" recentemente em redes sociais, que dizem respeito a "Dezessete e Setecentos", na qual é apresentado um aspecto da vida cotidiana do nordestino que se refere a negociação de valores, ou como popularmente dito, a pechincha; e também, a música "O Cheiro da Carolina" na qual descreve um cenário ocorrido em possível festa típica nordestina, onde geralmente, as pessoas se divertem dançando forró.

A festa e elementos típicos dos festejos nordestinos, tais como a dança, bandeirinhas e fogueiras, foram representadas em 7 (sete) mapas mentais. Essa premissa se faz relevante, pois, conforme apresenta Panitz (2021), é possível reconhecer e espacializar geograficamente, através de cultura musical e dos seus elementos constituintes, determinados povos e sociedades, em seus aspectos sonoros intrinsecamente relacionados aos seus adornos materiais e estéticos.

É oportuno perceber que a festa e seus adornos foram, comumente, representados juntamente com igrejas (Mapa Mental 3), estas que se encontram como principal símbolo religioso nas representações dos alunos. Diversas são as canções do Rei do Baião que apresentam narrativas religiosas, em especial ao Catolicismo, este que tem o maior número de adeptos no Nordeste brasileiro. Tais músicas são relevantes em um contexto cultural e social, pois em um passado onde as missas eram ainda rezadas em latim, foi possível que o sertanejo tivesse a sua "oração facilitada" (Sousa, 2020).

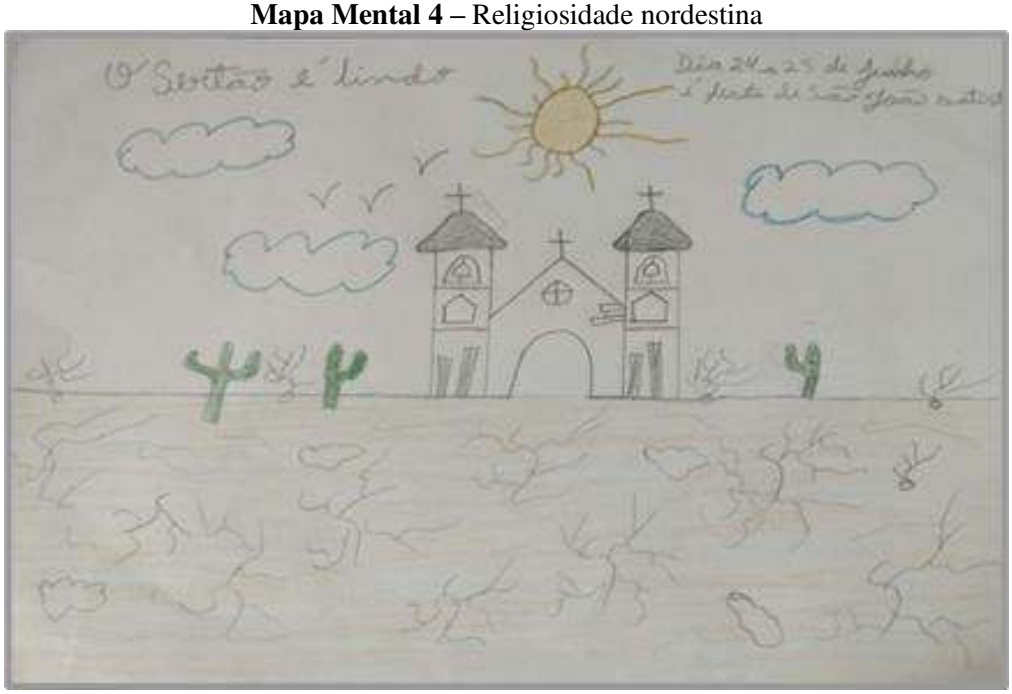
Mapa Mental 3 – Festas nordestinas



Fonte: Representação criada por Mateus*, 2023.

De modo associativo, 12 (doze) mapas mentais apresentaram elementos religiosos, mais enfaticamente, as próprias igrejas, sendo que uma fazia menção a festa de São João Batista (Mapa Mental 4) e uma representação de Padre Cícero.

Mapa Mental 4 – Religiosidade nordestina



Fonte: Representação criada por Vinicius*, 2023.

Diante dos símbolos e características apresentadas pelos alunos que fazem alusão a Geografia do Nordeste que se faz presente nas canções de Luiz Gonzaga, o elemento que mais se apresenta, em 25 (vinte e cinco) das 38 (trinta e oito) é voltado à paisagem: a representação do cacto.

Seja em representações onde há maior predomínio de cores como o amarelo e laranja, alusivos à caatinga e aos períodos de estiagem, seja quando há o azul dos rios e da chuva e o verde das folhagens, o cacto se fez presente na maioria das representações. O sentido se encontra na frase inicial da música "O xote das meninas" que diz respeito a "Mandacaru quando fulora na seca, é um sinal que a chuva chega no sertão".

O mapa mental 5 apresenta suma relevância, pois coaduna duas formas de representatividade da aluna: a primeira que consiste no desenho em si e a segunda na frase escrita pela estudante. O próprio sentido empregado reforça a narrativa presente em canções de Luiz Gonzaga, tais como "Sertão de Aço".

Mapa Mental 5 – Cacto enquanto símbolo de resistência nordestina



Fonte: Representação criada por Ana Luiza*, 2023.

Sentimentos de resiliência, compaixão e amorosidade foram expressos diretamente em 5 (cinco) representações, principalmente com uso de adereços que simbolizam sentimentos e emoções tais como o coração, que foram reforçados nos comentários durante a realização das oficinas.

Furlanetto (2014) aponta que sentimentos e emoções, são conceitos

aparentemente simples, por fazerem parte do cotidiano das pessoas, mas que ao contrário, possui difícil definição, tendo em vista que nenhuma definição intelectual será capaz de conceituar um sentimento. O fato é que o ato de "sentir" induz as pessoas tanto nas suas ações com outras pessoas, quanto na sua relação com os itinerários e lugares.

Tanto nas representações, quanto nas falas, supracitadas é possível reconhecer um sentido de topofilia, no qual há um apego e um sentimento positivo acerca do Nordeste e suas características sociais e naturais de forma a evidenciarem o próprio "calor" do nordeste/nordestino, bem como a referência de Eric Dardel ao evidenciar que "Cada alma, tem seu clima" (Dardel, 2015, p. 222).

No entanto, essa interpretação não foi unânime, de forma que duas representações apontaram predefinições do Nordeste, em sentido preconcebido em imagens distorcidas do que realmente é, é/ou seria o Nordeste. O mapa mental 6 retrata essa premissa, onde percebemos uma representação de um cacto armado assaltando uma pessoa, denotando a periculosidade na região.

Mapa Mental 6—Topofobia em relação ao Nordeste



Fonte: Representação criada por Acácia*, 2023.

Conforme afirmado por Furlanetto (2014), é reconhecido que nenhuma descrição intelectual pode explicar completamente um sentimento ou uma emoção. No entanto, diante dessa realidade, é importante reconsiderar e reintroduzir as músicas de Luiz Gonzaga de forma a desafiar essas percepções, e também assumir um papel mais

comprometido e consciente como educador, buscando minimizar interpretações que possam reforçar distorções, tanto em relação ao Nordeste quanto a outras regiões.

A inclusão das Geografias Emocionais no ensino da Geografia pode contribuir significativamente para uma educação mais holística e sensível. Ao reconhecer e explorar as emoções e os sentimentos associados a diferentes lugares e paisagens, os estudantes podem desenvolver uma conexão mais íntima com o ambiente ao seu redor. Isso não só promove uma compreensão mais profunda das complexidades geográficas, mas também ajuda a cultivar uma apreciação mais genuína e respeitosa pela diversidade cultural e ambiental. Além disso, ao abordar as Geografias Emocionais, os educadores podem abrir espaço para discussões sobre questões socioespaciais urgentes, capacitando os estudantes a se tornarem agentes reflexivos e de mudança em seus contextos de vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Justamente por abarcar tantos elementos da vida e realidade social, que consideramos relevante incluir as músicas no ensino da Geografia. No caso do debate sobre a região Nordeste, as músicas de Luiz Gonzaga e o quanto e como (re)desenham o Nordeste, pode ser um caminho para pensar sobre as diversas emoções que evocam. Isto faz com que a categoria lugar em seus aspectos toponímicos e topofóbicos, possa ser melhor compreendida e aprofundada nos aspectos que unem emoções e sentimentos voltados a própria categoria, ou seja, no que se refere a uma lugaridade geográfica.

A própria utilização da música, ao gerar sentimentos e emoções, possibilita caminhos possíveis de serem percorridos no contexto educacional, de modo a colaborar no ensino-aprendizagem, na relação docentes-estudantes, entre os conteúdos didáticos e os conhecimentos prévios, fato que propicia a construção de cidadãos críticos e que atuem de modo reflexivo na sua sociedade.

Sobre a metodologia utilizada, reforça-se o que autores como Kozel (2018) mencionam, quanto a apreensão de fenômenos: não uma receita pronta e que se enquadre em todas as circunstâncias. Deste modo, houve adequações na própria constituição metodológica que propiciaram a construção das representações via mapas mentais.

Assim, com a produção de 38 (trinta e oito) mapas mentais, pautadas nas

músicas de Luiz Gonzaga e nos conhecimentos prévios de cada estudante, foi possível considerar que os alunos e as alunas identificaram nas músicas do Rei do Baião, características sócio-históricas, culturais e naturais do Nordeste; incluíram o próprio no Luiz Gonzaga como narrador da história nordestina e parte relevante do próprio Nordeste; consideraram que elementos e adornos das festas juninas, dada a sua relevância, fazem parte do cotidiano nordestino; apontaram a fé e religiosidade, por meio de representação de igrejas, como o principal símbolo social nordestino e trouxeram o cacto/mandacaru como o principal símbolo do Nordeste, de modo que esse tipo de vegetação é parte constituinte da paisagem nordestina

O compromisso é claro: transmitir as músicas de Luiz Gonzaga e o conteúdo sobre o Nordeste de forma a desmistificar visões distorcidas sobre essa região, fortalecendo uma compreensão mais ampla e precisa de sua riqueza cultural e geográfica. Ao explorar as emoções e sentimentos evocados pelas músicas do Rei do Baião, os estudantes não apenas enriquecem seu conhecimento sobre a geografia nordestina, mas também desenvolvem uma apreciação mais autêntica da diversidade cultural e ambiental do Nordeste.

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 98-105.

CASTRO, Daniel de. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, *[S. l.]*, n. 26, p. 7–18, 2009.

COSTA, Franklin Roberto da. O ensino da geografia através do cancioneiro potiguar. In: **ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS**, 13, 2002, João Pessoa. Anais... João Pessoa, 2002.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOZENA, Alessandro. Os sons como linguagens espaciais. **Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro, n. 45, p. 31-42, 2019.

FERREIRA, Manuel Nunes. **A Música como Recurso Didático na Aula de Geografia.** Brasília: Graduação em Licenciatura em Geografia – UNB – Universidade de Brasília, 2012, 51f, Monografia (Licenciatura em Geografia).

FURLANETTO, Beatriz. **Paisagem Sonora do Boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso.** Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de

Ciências da Terra—UFPR - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2014, 212f. Tese (Doutorado em Geografia).

HOLZER, Werther. Geografia Humanista – Trajetória 1950-1990. Londrina: EdUEL, 2016.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. *In*: KOZEL, S. **Mapas mentais: dialogismo e representações.** Curitiba: Appris, 2018.

KOZEL, Salete. Comunicando e Representando: Mapas como Construção Socioculturais. **Geograficidade**, Curitiba, número especial,v .3, p. 58-70, 2013.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos Compositores da música popular brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística. 1991. Dissertação (**Mestrado em Geografia**) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991

NASCIMENTO, Taiane Flores; COSTA, Benhur Pinós. Geografia Cultural e Humanista: Tendências Geográficas. In: Observatório Geográfico de América Latina, 2016, Cuba. **Anais…** Cuba, 2015.

NOGUÉ, Joan. Emoción, lugar y paisaje. In: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales.** Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, 2015, p. 137-148.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia da música: um balanço de trinta anos de pesquisas no Brasil. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 50, p. 13-27, 2021.

PANITZ, Lucas Manassi**. Por uma Geografia da música: O espaço geográfico da música popular platina.** Porto Alegre: Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010, 200f, Dissertação (Mestrado em Geografia)

RIBEIRO, Karen Miyasato**. Música e vivências espaciais: uma análise a partir de estudantes de Dourados (MS).** Grande Dourados: Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas – UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, 2022, 75 f, Dissertação (Mestrado em Geografia).

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA´EGA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007.

SANTOS, José Farias dos. **A música como expressão do Nordeste.** São Paulo: IBRASA, 2004.

SILVA, Marcia Alves Soares. **O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial.** Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019, 303f, Tese (Doutorado em Geografia).

SILVA, Marcia Alves Soares. Por uma Geografia das emoções. **GEOgraphia**, v. 18, n. 38, p. 99-119, 2016.

SILVEIRA, Heitor Matos. O sentimento na música: o sertão nordestino de Luiz

Gonzaga em Asa Branca. **Geograficidade**, v.4, n.1, p.103-105. 2014.

SOUSA, Sandro Luis de. O campo semântico-cultural "religião e crenças" na obra de Luiz Gonzaga. **Acta Semiótica et Lingvistica.** v. 25, n. 1, p. 13-30, 2020.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**. Contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TORRES, Marcos Alberto **A paisagem sonora da Ilha dos Valadares**: percepção e memória na construção do espaço. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia—UFPR - Universidade Federal do Paraná, 2009, 153f, Dissertação (Mestrado em Geografia).

TORRES, Marcos Alberto. **Os sons que se unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa.** Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFPR – Universidade Federal do Paraná, 2014, 241f, Tese (Doutorado em Geografia).

Recebido em junho de 2023.

Revisão realizada em abril de 2024.

Aceito para publicação em outubro de 2024.